XII ENABET
SALVADOR 2025
ETNOMUSICOLOGIA
SABERES, CRIATIVIDADE E AÇÕES AFIRMATIVAS
10 A 14 DE NOVEMBRO DE 2025

MUSICAR E PERFORMANCE COMO PRÁTICA SOCIAL:
a construção da identidade da Banda Marcial ETE de Criatividade Musical

Tiago Romano de Vasconcelos
Universidade Federal de Pernambuco
tiago.romano@ufpe.br
GT 17 – Músicas do Brasil de Dentro

Resumo:
Este artigo apresenta o referencial teórico utilizado no projeto de mestrado, iniciado em 2025, em que analisa a construção da identidade da Banda Marcial ETE de Criatividade Musical a partir da compreensão da prática musical coletiva como uma prática social e relacional. Fundamenta-se na concepção de identidade cultural proposta por Stuart Hall, que a compreende como um processo histórico, relacional e em constante transformação, articulada ao conceito de *musicking* de Christopher Small, que entende a música como uma ação social constituída nas relações estabelecidas entre os participantes de um evento musical. Soma-se a esse referencial a abordagem etnográfica da performance musical de Anthony Seeger, que compreende a música como produtora de vínculos sociais e de sentidos que vão além do som. A Banda Marcial ETE de Criatividade Musical é analisada como um espaço de socialização, aprendizagem coletiva e produção simbólica, no qual repertórios, modos de organização, práticas de ensaio, performances e interações cotidianas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva. Observa-se que o fazer musical ultrapassa a dimensão técnica, envolvendo valores como pertencimento, cooperação, disciplina e compartilhamento de saberes. Conclui-se que a banda se configura como um espaço simbólico de negociação de sentidos e de construção identitária, no qual a música atua como prática social formadora de vínculos, valores e pertencimentos coletivos.
Palavras-chave: musicar; performance musical; identidade; banda marcial.

MUSICKING AND PERFORMANCE AS SOCIAL PRACTICE:
the construction of the identity of the Banda Marcial ETE de Criatividade Musical

Abstract:
This article presents the theoretical framework used in the master's research project, initiated in 2025, which analyzes the construction of the identity of the Banda Marcial ETE de Criatividade Musical based on the understanding of collective musical practice as a social and relational practice. It is grounded in the concept of cultural identity proposed by Stuart Hall, who understands identity as a historical, relational, and constantly transforming process, articulated with the concept of *musicking* developed by Christopher Small, which conceives music as a social action constituted through the relationships established among the participants in a musical event. This framework is complemented by the ethnographic approach to musical performance proposed by Anthony Seeger, who understands music as a producer of social bonds and meanings that go beyond sound itself. The Banda Marcial ETE de Criatividade Musical is analyzed as a space of socialization, collective learning, and symbolic production, in which repertoires, organizational modes, rehearsal practices, performances, and everyday interactions contribute to the constitution of a collective identity. It is observed that musical practice goes beyond the technical dimension, involving values such as belonging, cooperation, discipline, and the sharing of knowledge. The study concludes that the band is configured as a symbolic space for the negotiation of meanings and identity construction, in which music operates as a social practice that forms bonds, values, and collective senses of belonging.
Keywords: musicking; musical performance; identity; marching band.

Introdução

As bandas marciais, em razão de suas raízes históricas e de suas funções sociais, desempenham um papel significativo na preservação de tradições musicais. Essa preservação destaca-se, principalmente, no repertório de dobrados e marchas, gêneros que definem a identidade sonora do grupo. Além disso, se destaca pela transmissão oral, em que o saber musical é compartilhado sem o uso predominante de notação musical. Também a instrumentação específica, contendo metais e percussões, que contribui para uma sonoridade característica e marcante do gênero.

As práticas musicais desenvolvidas nas bandas marciais articulam repertórios, formas de organização e modos de performance que contribuem para a constituição da identidade coletiva da banda, em diálogo com valores sociais, como pertencimento, disciplina e hierarquia. Tais valores e tradições se expressam por meio de práticas musicais instrumentais específicas, envolvendo repertórios próprios, formações instrumentais características, modos de execução e funções sociais em suas apresentações públicas.

Nessa perspectiva, a banda marcial caracteriza-se pela diversidade de formações humanas e musicais que a compõem, reunindo indivíduos singulares que confluem em ações coletivas. Essa atuação conjunta se manifesta por meio de gestos, movimentos corporais, intenções compartilhadas e sentimentos, configurando uma complexa rede de interações sociais e musicais.

Para compreender esse universo, é fundamental considerar essa prática musical como um conjunto de processos socioculturais, por meio dos quais se constroem sentidos, valores e pertencimentos, que contribuem para a construção de uma identidade. Nessa direção, os estudos de Christopher Small e Stuart Hall tornam-se importantes na medida em que propõem estudar a performance musical como prática social e a identidade cultural como construção social.

Assim, este artigo tem como objetivo apresentar as concepções de Small, Hall e Seeger, ao abordar conceitos relacionados à identidade cultural e performance musical como prática social, compreendendo como as práticas musicais da Banda Marcial ETE de Criatividade Musical contribuem para a construção de sua identidade. A relevância deste trabalho reside na sua capacidade de trazer à tona reflexões sobre o papel da música na construção de identidade, além de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre processos de socialização em espaços coletivos de formação musical, articulando música, sociedade e cultura.

A Banda Marcial ETE de Criatividade Musical

O campo de pesquisa deste estudo volta-se para a Banda Marcial ETE de Criatividade Musical, grupo vinculado à Escola Técnica de Criatividade Musical (ETECM). Compreendida

como uma prática musical coletiva desenvolvida no interior de uma instituição de ensino, a banda configura-se como um espaço no qual a prática musical coletiva se manifesta como prática social e formadora de identidades.

A Escola Técnica de Criatividade Musical (ETECM), localizada no bairro da Boa Vista, Recife, Pernambuco, destaca-se como um importante espaço de formação musical para jovens, sendo um ambiente de desenvolvimento artístico e cultural. Foi fundada no ano de 1982 com a missão de promover a educação musical aliada ao estímulo da criatividade.

A ETECM desempenha um papel fundamental na preservação e difusão das tradições musicais da região, oferecendo o ensino de repertórios eruditos e populares para alunos que buscam aprender ou aprimorar-se em instrumentos e canto. Ao formar músicos, a instituição contribui para a formação de multiplicadores que, por sua vez, compartilham saberes com novos públicos e gerações, ampliando o alcance da arte. Além do ensino, a escola também promove pesquisas e apresentações musicais de professores e alunos em ambientes internos e externos, fortalecendo a difusão da cultura popular.

Entre as diversas atividades promovidas pela instituição, a Banda Marcial ETE de Criatividade Musical ocupa uma posição de destaque, não apenas como um grupo de formação técnica, mas também como uma poderosa plataforma de expressão para seus integrantes.

A Banda Marcial ETE de Criatividade Musical pode ser entendida como um microcosmo de expressões culturais que refletem tanto as tradições regionais quanto as transformações contemporâneas da sociedade. Esses aspectos podem ser observados na sonoridade, na utilização do repertório, na instrumentação que o grupo possui, nas coreografias e marchas presentes em desfiles e até mesmo na transmissão de conhecimentos entre os integrantes.

Na imagem 1 vemos a Banda Marcial ETE de Criatividade em posição para iniciar sua performance no concurso da XVI Copa Pernambucana de Banda, no ano de 2025, na quadra da Secretara de Educação de Pernambuco.

Imagem 1 – Banda Marcial ETE de Criatividade Musical



Fonte: Extraído do vídeo *Banda Marcial ETE de Criatividade Musical 2025 na I Etapa da XVI Copa Pernambucana de Bandas 2025*, publidano no YouTube em 2025.

Na imagem 2, a Banda Marcial ETE de Criatividade Musical está participando do concurso da XVI Copa Pernambucana de Banda, no ano de 2025, na quadra da Secretara da Educação de Pernambuco. Na performance do grupo percebemos além da utilização de instrumentos de metais, os instrumentos de teclas e percussão, como o vibrafone, glockenspil, marimba e o chimes, instrumentos esses não tradicionais das primeiras bandas marciais.

Imagem 2 – Banda Marcial ETE de Criatividade Musical



Fonte: Extraído do vídeo *Banda Marcial ETE de Criatividade Musical 2025 na I Etapa da XVI Copa Pernambucana de Bandas 2025*, publidano no YouTube em 2025.

Na imagem 3, a banda está iniciando sua performance, em que o grupo se desloca na quadra, marchando, até o fim da quadra executando a chamada peça de marcha. Em seguida, a banda vai ao encontro do regente para executar a peça de confronto.

Imagem 3 – Banda Marcial ETE de Criatividade Musical



Fonte: Extraído do vídeo *Banda Marcial Máster ETE de Criatividade Musical - II Etapa da Copa Pernambucana 2024*, publidano no YouTube em 2024.

Na imagem 4 percebemos alguns integrantes que não participam como instrumentistas. Esses representam o pelotão cívico, chamados de baliza, comandante mor e pavilhão cívico. São elementos fundamentais para que uma banda marcial participe de uma competição.

Imagem 4 – Banda Marcial ETE de Criatividade Musical



Fonte: Extraído do vídeo *Banda Marcial ETE de Criatividade Musical 2025 na I Etapa da XVI Copa Pernambucana de Bandas 2025*, publidano no YouTube em 2025.

A relevância deste trabalho reside na sua capacidade de trazer à tona reflexões sobre o papel da música na construção de identidades culturais em ambientes educacionais. A ETECM, como espaço de formação técnica e criativa, serve de campo fértil para explorar as intersecções entre educação, música e cultura.

Musicar e Performance

A identidade cultural é compreendida como um processo contínuo de construção individual e coletiva. Hall (2006) apresenta três concepções de sujeito: o sujeito do Iluminismo, concebido como uma identidade estável, em que o indivíduo é centrado, unificado e dotado da razão e da consciência individual; o sujeito sociológico, cuja identidade é moldada nas relações sociais; e o sujeito pós-moderno, caracterizado pela fragmentação e pela constante transformação.

Nesse último, a identidade deixa de ser concebida fixa e passa a ser fluida, construída historicamente em meio às interações culturais e aos efeitos da globalização. Com essas mudanças, a identidade se desloca, os processos culturais se aceleram, e surgem incertezas sobre quem somos.

Hall descreve esse movimento como uma "crise de identidade", entendida como a descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social ou cultural quanto de si mesmos – processo que, ao mesmo tempo, abre espaço para novas identificações.

Para o autor, a identidade emerge das interações sociais e culturais, sendo moldada pelos contextos locais e históricos em que os sujeitos estão inseridos. Esse processo está diretamente ligado ao caráter de mudança da modernidade tardia, intensificado pela globalização.

A identidade do sujeito pós-moderno não é sólida, mas continuamente formada e reformulada. Em consequência, a identidade deve ser compreendida como relacional, constituída no interior de processos de negociação entre sujeitos e sistemas culturais.

As contribuições de Hall oferecem um referencial fundamental para compreender a formação da identidade da Banda Marcial ETE de Criatividade. Ao compreender a identidade como um processo em permanente construção no interior das representações e dos sistemas culturais (Hall, 2006), torna-se possível estender esse conceito para além do sujeito individual. Hall cita:

> O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.
>
> Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987 apud Hall, 2006, p. 12 e 13).

Nessa perspectiva, grupos culturais também constroem identidades que não são fixas, mas processuais e relacionais. Assim, a identidade da Banda Marcial ETE de Criatividade Musical pode ser entendida como uma construção coletiva, produzida nas práticas musicais, nas formas de organização e nas representações sociais que constituem o grupo ao longo do tempo. A partir da concepção do pós-moderno (Hall, 2006), entende-se que a identidade da banda não é fixa, mas pode ser construída e reconstruída através das práticas musicais e interações sociais que formam o grupo.

No campo da Antropologia Musical, Seeger (2008) propõe uma abordagem que entende a música não apenas como expressão cultural, mas como produtora de práticas e vínculos sociais. Ao considerar aspectos como a preparação dos músicos, a configuração do espaço e a interação com o público, destaca-se a performance como vivência essencialmente coletiva. O autor afirma que a performance musical envolve expectativas, significados e efeitos que ultrapassam o som.

> Em outras palavras, para entender os efeitos da música sobre uma audiência é necessário entender de que maneira as performances afetam tanto os performers quanto a audiência. De fato, a música é mais que física. Essa citação pode ser considerada uma das primeiras justificativas para o estudo etnográfico da música na cultura. Se quisermos entender os "efeitos dos sons no coração humano" devemos estar preparados para retraçar com os ouvintes os "costumes, reflexões e miríades de circunstâncias" que dotam a música de seus efeitos. (Seeger, 2008, p. 244)

Nesse sentido, a música, em seu aspecto coletivo, cria redes de sociabilidade e cooperação, reforçando laços sociais entre os membros e a comunidade. Para tal, Small (1998) introduz o termo *Musicking*, em que aborda a música não apenas como uma obra, mas como uma prática social e relacional.

Na obra *Musicking*, Small (1998) propõe uma mudança paradigmática ao conceber a música não como um objeto estático, mas como uma atividade social dinâmica. Para tanto, propõe

o entendimento da música como verbo, "musicar", deslocando o foco da partitura ou da gravação para as interações sociais que ocorrem no contexto da prática musical.

A música, nesse sentido, adquire significado nas relações que estabelece e expressa entre indivíduos no ato de cantar, tocar, ouvir, dançar, reger, compor ou, simplesmente, participar de um evento musical. Tal conceituação reforça a compreensão da música como uma prática social essencialmente relacional.

A obra se estrutura em torno de uma indagação central, de caráter instigante e analítico: ‘O que, de fato, estamos fazendo quando participamos de uma performance musical?” (Small, 1998, p. 9). A partir dessa pergunta, o autor constrói um conjunto de reflexões fundamentadas em experiências musicais concretas, com o objetivo de desenvolver uma abordagem crítica da música enquanto prática relacional.

Ao tomar como exemplo um concerto de orquestra, o autor evidencia diversos aspectos significativos da performance musical que, embora frequentemente negligenciados, são fundamentais para uma análise mais ampla do fenômeno musical. A perspectiva trazida pelo autor parte de um questionamento à tradição do pensamento musical ocidental, destacando que as formas pelas quais compreendemos e experienciamos a música, sobretudo no âmbito das práticas eruditas, estão, muitas vezes, alicerçadas em pressupostos restritivos que necessitam ser revistos e problematizados.

Small (1998) argumenta que toda prática musical envolve, de maneira implícita ou explícita, a negociação de relações sociais entre os diversos participantes do evento musical, músicos, regente, público e até mesmo a interação destes com o espaço em que a performance ocorre. Dessa forma, o autor evidencia como esses agentes não apenas expressam, mas também constroem e transformam significados por meio da experiência musical. Para o autor, o valor da música não reside em sua essência ou estrutura formal, mas nos efeitos e nas interações que ela promove entre os indivíduos envolvidos.

O autor também dirige críticas pertinentes à estrutura hierárquica tradicionalmente associada à música ocidental, sobretudo no que diz respeito à centralidade e autoridade atribuídas ao compositor e ao intérprete em detrimento do ouvinte. Para o autor, compositor, músico e ouvinte participam igualmente da experiência musical, o que implica uma proposta de democratização da escuta e da performance. Tal perspectiva desafia os modelos convencionais de autoridade musical e contribui para a desconstrução de estruturas de poder historicamente consolidadas no campo musical.

Essas concepções se articulam diretamente ao objeto de investigação da presente pesquisa de mestrado, compreendendo as práticas musicais da Banda Marcial ETE de Criatividade

Musical, e considerando as múltiplas influências e dinâmicas comunitárias e culturais que permeiam essa prática coletiva.

A Banda Marcial ETE pode ser entendida como um microcosmo de manifestações culturais que expressam simultaneamente a permanência de tradições regionais e as transformações socioculturais contemporâneas. Tais elementos são vistos na BMETE com a utilização de repertório presente no grupo, podendo ter dobrados e marchas, como também novos arranjos de temas de filmes que são adaptados para a formação instrumental do grupo. Observa-se também a transmissão oral de conhecimentos entre os integrantes, permitindo que o aprendizado ocorra sem a necessidade de partituras. Sob a ótica da teoria do *musicking*, proposta por Small (1998), a experiência musical é entendida como um processo relacional no qual o ato de fazer música se configura como prática de construção de sentidos e de negociação de significados culturais e sociais.

Nessa perspectiva, a atuação dos participantes no contexto da banda transcende a dimensão estética, tornando-se também um exercício de afirmação identitária e de compartilhamento de valores culturais, comunitários e coletivos. O fazer musical no grupo vai além de elementos técnicos musicais, de repertórios e até mesmo da padronização de uniformes. O sentido da prática musical na banda reflete-se na forma de se relacionar, aprender e vivenciar em grupo cada ensaio, cada apresentação e cada ambiente compartilhado entre os membros.

A performance musical coletiva, como a realizada por uma banda marcial, constitui-se como um importante meio de interação e construção social, por meio do qual se desenvolve uma identidade coletiva sustentada pela prática musical compartilhada. À luz da teoria do *musicking* proposta por Small (1998), a banda pode ser compreendida não apenas como um agrupamento voltado à execução musical, mas como um espaço simbólico de interação e negociação, no qual as relações estabelecidas no interior do grupo influenciam percepções de cooperação, disciplina e pertencimento. Nesse sentido, considerando sua relevância social e cultural no contexto local, a Banda Marcial ETE de Criatividade Musical consolida-se como agente ativo na constituição de uma identidade coletiva de caráter social e cultural.

Considerações Finais

Sob uma perspectiva coletiva, as bandas marciais atuam como agentes de transformação social, promovendo valores como disciplina, cooperação e respeito à diversidade. Elas acolhem a pluralidade e o convívio entre diferentes histórias de vida dentro do grupo, impactando trajetórias, influenciando o respeito ao próximo, inclusive em ambientes de competições, e cultivando valores e costumes que podem ser levados para o cotidiano familiar e a vida em comunidade. A música,

enquanto prática social, tem um papel formativo na maneira como os indivíduos percebem e se conectam com seu entorno cultural.

A concepção de Stuart Hall, ao apresentar a identidade como algo não fixo e em constante transformação, pode ser compreendida no universo das bandas marciais a partir das mudanças vivenciadas pelo grupo ao longo do tempo, das interações e das experiências de vividas dos integrantes representam. As interações diárias, as práticas de ensaio, a performance e a transmissão de valores entre gerações criam um cenário no qual o indivíduo se percebe parte de um coletivo mais amplo. Esse ambiente contribui para o fortalecimento de laços comunitários e para a construção de uma identidade cultural.

A abordagem de Anthony Seeger, ao compreender a performance musical como um evento social, reflete-se nas ações da Banda Marcial ETE de Criatividade Musical. Nas apresentações do grupo, não se observa apenas o som produzido, mas também as relações, os contextos e os sentidos que nelas são construídos.

O conceito de *musicking* permite considerar a banda não meramente como um agrupamento voltado à execução musical, mas como um espaço simbólico de negociação e de formação de valores sociais e identitários. Esses aspectos tornam-se ainda mais evidentes quando se considera a relevância social e cultural da Banda Marcial ETE de Criatividade Musical em seu contexto local, bem como o impacto significativo que exerce na trajetória de vida de seus integrantes. Assim, a banda consolida-se como agente ativo na constituição de uma identidade coletiva, tanto cultural quanto social.

A teoria de Small oferece, portanto, uma base conceitual consistente e frutífera para investigar como os sujeitos envolvidos em práticas musicais coletivas constroem significados, estabelecem relações sociais e partilham valores coletivos. *Musicking* configura-se como uma obra teórica transformadora, na medida em que amplia os horizontes interpretativos sobre o fenômeno musical e sustenta a compreensão de que fazer música é, antes de tudo, estabelecer relações sociais.

Referências

ALEX MARCHING BAND. *Banda Marcial ETE de Criatividade Musical 2025 na I Etapa da XVI Copa Pernambucana de Bandas 2025*. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N8uBc5oElnc. Acesso em: 20 fev. 2026.

CRUZ, Fernando Vieira da. **O repertório na construção identitária das bandas de música**. *Orfeu*, v. 6, n. 1, p. 1–18, abr. 2021.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

JONAS LUIZ MARCHING. *Banda Marcial Máster ETE de Criatividade Musical - II Etapa da Copa Pernambucana 2024*. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TkDwdn9UOsM&list=RDTkDwdn9UOsM&start_radio=1. Acesso em: 20 fev. 2026.

LUCAS, Eduardo et al. **O estado da arte das pesquisas sobre bandas de música no Brasil: uma revisão integrativa**. *Música Hodie*, v. 23, 2023.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.SILVA, Lélio Eduardo Alves da. O Ensaio-aula: uma proposta de metodologia de ensaio para banda de música. Revista do Conservatório de Música da UFPel Pelotas, nº4, 2011. p. 127-161.

SMALL, Christopher. Musicking: the meanings of performing and listening. Published by Wesleyan University Press, Middletown, 1998.